



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/2286>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

***PACISQUE IMPONERE MOREM*: UMA FACETA DO CULTO DA ROMANIDADE NA ITÁLIA FASCISTA**

Augusto Antônio de Assis¹

RESUMO: Na Itália fascista, a Antiguidade romana foi constantemente mobilizada a fim de referendar agendas políticas, instaurando-se um culto através da retomada de imagens, símbolos e valores. A ocupação da Etiópia e a proclamação do Império fascista, em 1936, correlacionam-se diretamente com as suntuosas comemorações do Bimilenário do nascimento de Augusto, em 1937, e com a reconstrução da *Ara Pacis Augustae*, em 1938, oferecendo-nos interessantes possibilidades analíticas no tocante à instrumentalização do conceito de romanização, objeto de estudo da presente comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: *Culto della romanità*. Mito fascista da romanidade. Usos do passado.

ANTIGUIDADE E MODERNIDADE: OS USOS DO PASSADO

A História Antiga foi, e ainda é, constantemente mobilizada a fim de embasar e respaldar caracteres políticos no presente. Tal processo, durante os séculos XIX e XX, atuou em chave legitimatória, em especial no tocante às questões identitárias, nos Estados nacionais emergentes. Edificar uma continuidade, através dos preceitos de legado e herança, visava a manutenção de um coletivo de destinos comuns, inserido em um longo processo histórico. As narrativas sobre o passado, nesse contexto, buscaram enfatizar um suposto posicionamento estático do mesmo, passível de objetiva descrição. A Antiguidade greco-romana, por conseguinte, foi operada de modo instrumental, não somente referendando a “nação”, mas também preconceitos e processos de opressão (SILVA, 2007: 27-8).

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisa desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Glaydson José da Silva (UNIFESP) e apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (nº: 2020/06052-6). E-mail: augustoassis2q3d@gmail.com.

A história produzida, todavia, responde às demandas do presente, com uma indissociável relação entre o objeto de análise e aquele que o estuda. Faz-se necessário, destarte, um exame criticamente embasado, capaz de problematizar os usos dos antigos, a fim de refletir sobre estas sociedades bem como enunciar horizontes para se pensar as relações entre presente, passado e futuro (FUNARI, 2003: 29-0).

Para tanto, inúmeros pesquisadores têm se debruçado sobre os estudos de Recepção da Antiguidade, com foco no diálogo trans-histórico, de perspectiva bidimensional, que conceitua tanto o antigo como o moderno enquanto clássico; rompe-se, assim, a noção estática de passado. O receptor, a contragosto de um sentido original da palavra, assume papel central na atribuição de significados às obras: “A Antiguidade está constantemente mudando, à medida que modernidades em constante mudança dialogam com ela; as obras antigas passam a ter um significado distinto sob diferentes condições modernas”² (MARTINDALE, 2013: 171). O campo dos Usos do passado, segmento dessa área, enfatiza o caráter instrumental e pragmático da relação, buscando compreender os acréscimos, supressões e distorções que objetivaram abusos no presente. Os diferentes empregos do passado no presente refletem a consciência histórica de determinadas sociedades, correspondendo, em diferentes níveis de força e urgência, à identidade, moral, política e ideologia, num processo sempre mediado pela cultura (KARLSSON, 2012: 137).

Neste domínio, o foco reside no significado do uso do passado, naquilo que lhe é acrescido ou suprimido objetivando conferir sentido a uma finalidade (identitária, nacional, de classe, racial, de gênero etc.) no presente, entendida como um abuso. Com esse fim, os usos do passado atuam para criação e consumo de uma narrativa que, produzida no presente, não deixa de estabelecer expectativas para o futuro. (SILVA, FUNARI & GRRAFFONI, 2020: 45)

² Tradução nossa.

O CULTO DELLA ROMANITÀ NO VENTENNIO FASCISTA

No contexto italiano, a *intelligentsia* pós-reunificação sistematizou interesses na ideia de legado de Roma, enquanto lastro histórico fundamental; que, além de legitimar as questões identitárias nacionais (PARODO, 2016: 1-3), ratifica moralmente as pretensões políticas colonialistas no norte da África (GRAVANO, 2016). Outrossim, tais empenhos são levados às últimas consequências durante o *ventennio* fascista. O processo de instrumentalização da Roma Antiga, partiu, inicialmente de sua idealização e foi levado a cabo através de seu culto, instaurando o que Luciano Canfora caracterizou como “Romanolatria” (2012: 90). Ademais, a romanidade possuía centralidade na cultura política fascista (ARTHURS, 2015: 44), criando-se, para tanto, a ilusão da atualidade imediata do Antigo, através da reivindicação de uma originalidade romana e itálica (CANFORA, 1980: 9-10). O *Culto della romanità* não foi somente um paralelismo ideológico entre presente e passado, mas a tentativa de estabelecimento de uma amálgama entre os processos históricos (SILVA, 2018: 143).

Nesse sentido, monumentos, imagens, ritos, símbolos e personalidades da Antiguidade, de ordem política, cultural e social, foram evocados e enquadrados por meio da lógica e estética fascista (GIUMAN & PARODO, 2017: 608). Fundamental, destarte, foi a investida sobre os meios de comunicação de massa, de forma a suscitar um interesse generalizado na temática, construindo uma imagem espelhada entre fascismo e Antiguidade (GIARDINA, 2008: 56). Entremear o cotidiano com tal experiência visava edificar uma dupla nacionalidade, genealógica e moral, amplificada, então, pela cultura, e implementada na práxis política (MALVANO, 1988: 42). Ademais, uma política da imagem bem definida, manifestada na globalidade e nas estruturas de controle e legitimação, permitiu a centralidade do uso da cultura visual, em suas mais distintas manifestações. “A repetitividade e a frequência das imagens-símbolo fizeram com que *fascios*, águias, colunas, arcos triunfais, agissem sobre o público por meio de uma relação perceptiva imediata e primária, análoga à do *slogan* publicitário”³ (MALVANO, 1988: 153).

³ Tradução nossa.



Por corolário, o fascismo avança com furor sobre a cultura material, isolando e restaurando edifícios, praças, vias, estátuas, dentre outros, em paralelo à difusão dos mesmos nos canais do regime. Entretanto, não se evoca unicamente a dimensão imagética, a tangibilidade dos objetos evidencia as modificações e disputas no espaço urbano. Ademais, por meio da monumentalização do passado, legitimava-se a idealização do presente através de uma perspectiva didática e político-propagandística (DUPLÁ, 2015: 153). Ao conceber o medievo como um período de decadência moral e cultural da sociedade, o regime buscou materializar o apagamento de sua memória: às construções residenciais e vulgares, a relevância documental é descartada, em contraponto aos monumentos da Antiguidade (LEITE, 2011: 115). As destruições sistemáticas de inúmeras áreas urbanas, conhecidas como políticas de *sventramenti*, possuíam também objetivos higienistas, como o alargamento das vias centrais e expulsão da população pobre para periferias com precárias condições de habitação (INSOLERA, 2001: 12).

Toda a Roma antiga deve ser libertada das deturpações mediocres, [...] a Roma monumental do século XX deve ser criada. Roma não pode, não deve ser apenas uma cidade moderna, no sentido banal da palavra; deve ser uma cidade digna de sua glória, e essa glória deve renovar-se incessantemente para ser transmitida, como legado da era fascista, às gerações futuras (MUSSOLINI, 1956 [1924]: XX, 235)⁴.

A DÉCADA DE 1930: RADICALIZAÇÃO E IMPÉRIO

O regime de Mussolini, na década de 1930, promoveu uma radicalização nas investidas visando a construção de consenso, tanto pela reforma de costumes e fascistização das instituições, quanto pela agressividade na política externa, com a invasão da Etiópia e subsequente proclamação do império (COLLOTTI, 1989: 77). O *Culto della romanità*

⁴ Tradução nossa.

vai progressivamente primando por tópicos relacionados ao Império romano, em especial na equivalência de seu fundador, Augusto, com o *Duce* (ROCHE, 2017: 6). O fascismo sempre oscilou livremente entre os inúmeros séculos de história romana, instrumentalizando e modificando aspectos mais convenientes para suas ações imediatas. O próprio Mussolini “sempre teve uma forte predileção por Júlio César, mas após a conquista da Etiópia, realizada em 1936, e o conseqüente anúncio da ressurreição do império romano, propôs a si mesmo como o novo Augusto”⁵ (GIARDINA, 2013: 57).

Desse modo, a *Mostra Augustea della Romanità*, exposição realizada em comemoração ao Bimilenário do nascimento de Augusto, de 1937 a 1938, atuou como forte manifestação político-propagandística, promovendo uma comunhão de valores (MARCELLO, 2011: 223). *Pari passu*, são iniciados os *sventramenti* ao redor do Mausoléu de Augusto, a fim de construir uma praça em sua homenagem, com claro reclame contemporâneo (IONESCU, 2014: 79). Mussolini, em 1934, dá o golpe simbólico que inicia a destruição dos casarões medievais na região (Imagem 1). Seria também na *Piazza Augusto Imperatore*, em 1938, a reconstrução da *Ara Pacis Augustae*, altar romano erigido originalmente como marco simbólico da “Paz de Augusto” (CLARIDGE, 2012: 213).

PACISQUE IMPONERE MOREM: DIÁLOGOS ENTRE O PRESENTE E O PASSADO

Após a vitória no Ácio, em 27 a. C., Augusto busca consolidar sua imagem à frente do novo Estado romano, valorizando, em especial, a estabilidade, amplamente requisitada após décadas de infundáveis guerras civis (FUNARI, 2003b: 203). Objetivou-se coadunar caracteres gerais romanos à imagem do imperador, a fim de torná-lo uma representação do próprio destino de Roma, sacralizando sua ação imperial e religiosa (BELTRÃO & SILVA, 2014: 176). Inserem-se aqui as reformas urbanas promovidas em Roma (FAVRO, 1996: 4), com mudanças volumosas

⁵ Tradução nossa.



nos programas iconográficos (FERNANDES, 2016: 92), bem como na da produção literária da época, em prol de edificar uma nova tradição. (WOOLF, 2001: 317).

A Eneida de Virgílio, nesse contexto, teve um papel fundamental: apresenta-se uma narrativa de fundação de Roma conjugando as duas lendas mais famosas, Eneias e Rômulo; e construindo uma relação histórica e divina entre o passado e Augusto, através da *Gens Iulia* (MOTA, 2015: 195). Com versos bem difundidos no seio social, “o romano entrava em contato com parte de seu patrimônio cultural e ideológico e redefiniam-se enquanto ‘romano’” (PIRES, 2014: 126). Uma das passagens mais emblemáticas da obra apresenta a síntese do destino romano, mesclando o épico narrativo com o contexto de Augusto: *pacisque imponere morem*.⁶ Tornar-se romano, desse modo, significa levar a paz e, do mesmo modo, a civilização, mediante a conquista, expressando a máxima da *Pax* romana.

Tal noção de estabilidade decorrente da virtude guerreira, que, muitas vezes, ainda nos acomete, foi, particularmente, idealizada na primeira metade do século XX (SILVA; RUFINO, 2014: 361). São os próprios escritos do imperador, nas célebres *Res Gestae Divi Augusti*, e os autores clássicos que o veem a partir de uma chave positiva, como Virgílio, Horácio e Suetônio, que servem de base para o conhecimento posterior, buscando reiterar o almejado status de coesão do regime. Entretanto, tamanha estabilidade ignora, relativiza ou suaviza os conflitos e as tensões sociais existentes. “Este apaziguamento geral do império não exclui a existência de combates e lutas, quer para a consolidação do poder romano, quer para expansão de suas fronteiras” (PEREIRA, 1989: 220).

Em 9 de maio de 1936, quatro dias após a divulgação da vitória na guerra de ocupação da Etiópia, Mussolini proclama a fundação do império fascista, na varanda central do *Palazzo Venezia*:

⁶ Livro VI, verso 852. A passagem oferece inúmeros desafios de tradução, como debatido por Pereira (1989: 294), onde preferimos a realizada por Barreto Feio, mobilizada por Vasconcellos (2017: 421): “Impor as leis da paz”.

A Itália finalmente tem o seu império. Império fascista, porque carrega os sinais indestrutíveis da vontade e da potência do Lítório Romano [...]. Império de paz, porque a Itália quer a paz para si e para todos e somente decide pela guerra quando é obrigada pelas imperiosas, incoercíveis necessidades da vida. Império de civilização e de humanidade para todos os povos da Etiópia. Isto está na tradição de Roma, que, após a vitória, assimilava os povos ao seu destino.⁷ (MUSSOLINI, 1959 [1936]: XXVII, 268-9)

Mussolini efetua um reclame em prol da ideia de romanização, evocando uma suposta missão civilizatória que diz respeito ao Império romano antigo, mas também aos seus descendentes, aqueles que o reconstruíram, física e moralmente, o reinterpretaram e desenvolveram, os fascistas. Outrossim, após a conquista militar há a instauração da paz e da abundância, decerto conquistada pela guerra, mas também decorrente da humanidade que supostamente embasaria os colonizadores. Legitima-se a ação fascista por meio da amálgama entre presente e passado, expressa na sua herança e tradição, solapando o caráter opressivo do processo. Problematizar a linearidade desses conceitos e evidenciar a instrumentalidade delegada ao passado possibilita uma das funções centrais do historiador: a de defesa e luta pela história.

⁷ Tradução nossa.



FONTES

MUSSOLINI, Benito. **Opera Omnia di Benito Mussolini**. SUSMEL, E.; SUSMEL, D. (Orgs.). v. XX. Firenze: La Fenice, 1956.

MUSSOLINI, Benito. **Opera Omnia di Benito Mussolini**. SUSMEL, E.; SUSMEL, D. (Orgs.). v. XXVII. Firenze: La Fenice, 1959.

REFERÊNCIAS

ARTHURS, Joshua. The Excavatory Intervention: Archaeology and the Chronopolitics of Roman Antiquity in Fascist Italy. **Journal of Modern History**, v. 13, n. 1, p. 44-58, 2015.

BELTRÃO, Claudia; SILVA, Débora. A *Domus Augusta* no *Vicus Sandaliarius*: imagem e presença augustana num altar romano. In: CAMPOS, C.; CANDIDO, M. (Orgs.). **Caesar Augustus: Entre Práticas e Representações**. Vitória/Rio de Janeiro: DLL-UFES/UERJ/NEA, 2014, pp. 173-190.

CANFORA, Luciano. Cultura Classica e Fascismo in Italia. **Conferenza tenuta il 27 ottobre 1980**, presso l'Auditorium della Biblioteca Provinciale di Foggia. Foggia, 1980.

CANFORA, Luciano. **Noi e Gli Antichi**. Perché lo studio dei Greci e dei Romani giova all'intelligenza dei moderni. Milano: BUR Saggi, 2012.

CLARIDGE, Amanda. **Rome**, an Oxford Archaeological Guide. Oxford: Oxford University Press, 2010.

COLLOTTI, Enzo. **Fascismo, Fascismos**. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

DUPLÁ, Antonio. La Roma del Fascismo. In: SANCHO ROCHER, L. (Org.). **La Antigüedad como paradigma: espejismos, mitos y silencios en el uso de la historia del mundo clásico por los modernos**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2015, p. 137-160.

- FAVRO, Diane. **The urban image of Augustan Rome**. Los Angeles: Cambridge University Press, 1996.
- FERNANDES, Mayara Amaral. Poder, corpo e mito no retrato romano da época de Augusto. **NEARCO**, Revista Eletrônica de Antiguidade, n. 1, p. 82-93, 2016.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- FUNARI, Pedro. A cidadania entre os romanos. In: PINSKI, J.; PINSKY, C.B. (orgs). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003b, p. 49-79.
- GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 55-76, 2008.
- GIARDINA, Andrea. Augusto tra due bimillenari. In: **Augusto**. Milano: Electa Mondadori, 2013, p. 55-72.
- GIUMAN, Marco; PARODO, Ciro. La Mostra Augustea della Romanità e il mito di Roma antica in epoca fascista. In: FLECKER, M. et al. (Orgs.). **Augustus ist tot: Lang lebe der Kaiser!** Tübingen: Tübinger Archäologische Forschungen, 2017, p. 605-620.
- GRAVANO, Viviana. La Romanità dell'Italia coloniale e fascista. La partecipazione Italiana alla Exposition Coloniale de Paris del 1931. **Roots and Routes**, research on visual cultures, 2016.
- INSOLERA, Italo. **Roma fascista nelle fotografie dell'Istituto Luce: con alcuni scritti di Antonio Cederna**. Roma: Riuniti: Istituto Luce, 2001.
- IONESCU, Dan-Tudor. *Ara Pacis Augustae*: un simbolo dell'età augustea: Considerazioni storico-religiose tra *Pax Augusta* e *Pax Augusti*. **Civiltà Romana: Rivista pluridisciplinare di studi su Roma antica e le sue interpretazioni**. Edizioni Quasar, p. 75-108, 2014.

- KARLSSON, Klas-Göran. Processing Time: On the Manifestations and Activations of Historical Consciousness. In: BJERG, H. et al (Orgs.). **Historicizing the Uses of the Past**. Scandinavian Perspectives on History Culture, Historical Consciousness and Didactics of History Related to World War II. Bielefeld: Transcript Verlag, 2012, p. 129-143.
- LEITE, Cláudia Carolina Santos. **A vitalidade implícita na ruína: A propósito do Mausoléu de Augusto**. 2011. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, Porto.
- MALVANO, Laura. **Fascismo e politica dell'immagine**. Turim: Bollati Boringhieri, 1988.
- MARCELLO, Flavia. Mussolini and the Idealisation of Empire: the Augustan Exhibition of Romanità. **Modern Italy**, v. 16, n. 3, p. 223-247, 2011.
- MARTINDALE, Charles. Reception – a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical. **Classical Receptions Journal**, v. 5, n.2, p. 169-183, 2013.
- MOTA, Thiago Eustáquio Araújo Mota. **Deberi ad Sidera tolli: As Promessas de Divinização na Eneida e a Ancestralidade Heróica dos Iulii**. 2015. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiás.
- PARODO, Ciro. Roma antica e l'archeologia dei simboli nell'Italia fascista. **Medea**, v. II, n.1., p. 1-27, 2016.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. 2. ed. v. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- PIRES, Thiago. Propaganda política no Principado Augustano: as artes como forma de discurso (27 a.C. – 14 d.C.). **Plêthos**, v. 4, n. 1, p. 117-136, 2014.

- ROCHE, Helen. "Distant Models"? Italian Fascism, National Socialism, and the Lure of the Classics. In: *Idem*; KYRAKOS, D. (Orgs.). **Brill's Companion to the Classics: Fascist Italy and Nazi Germany**. Leiden; Boston: Brill, p. 3-28, 2017.
- SILVA, Glaydson José da. **História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)**. São Paulo: Annablume, 2007.
- SILVA, Glaydson José da; RUFINO, Rafael. O bimilenário do nascimento de Augusto na Espanha franquista (1939-1940): leitura e escrita da História entre o passado e o presente. In: CAMPOS, C.; CANDIDO, M.. (Orgs.). **Caesar Augustus: Entre Práticas e Representações**. Vitória/Rio de Janeiro: DLL-UFES/UERJ/NEA, 2014, p. 341-366.
- SILVA, Glaydson José da. Historicidade, memória e escrita da história: Augusto e o *Culto della Romanità* durante o *Ventennio* Fascista. **Romanitas**, Revista de Estudos Grecolatinos, n. 12, p. 142-163, 2018.
- SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**, v. 40, n. 84, p. 43-66, 2020.
- VASCONCELLOS, Paulo. Usos da história na intriga da Eneida de Virgílio. In: SILVA, G.; SILVA, M. **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 415-437.
- WOOLF, Greg. Inventing empire in ancient Rome. In: ALCOCK, S. et. al. (Orgs.). **Empires: perspectives from archeology and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 311-322.

Imagem 1: Mussolini dà il primo colpo di piccone ai lavori per l'isolamento dell'Augusteo



Fonte: Archivio Storico Luce, 1934